



PABLO PEIXOTO, WILLIAM FERREIRA (AO FUNDO), RÔMULO AUGUSTO (NA REDE) E FRANÇOISE FOURTON NO SET DE CONSPIRAÇÃO DO SILÊNCIO

Crias do teatro de Brasília

Ricardo Daehn
Da equipe do **Correio**

O término das filmagens do longa-metragem *Conspiração do Silêncio*, iniciadas em junho pelo cineasta Ronaldo Duque, depende de uma "ajuda do céu". Não se trata de providência divina, mas da colaboração de São Pedro. O cronograma prevê mais um mês de imagens, mas o "verão do Norte" (que se estende até agosto) está discreto. Chuvas intensas comprometem a chegada à fazenda Pireli (a 30 quilômetros de Belém — PA), onde fica a vila cenográfica que abriga cenas decisivas da fita. Mais de 25 veículos cheios de equipamentos da produção estão parados. Se os meios técnicos emperram o filme, o material humano — que inclui quarteto de atores de Brasília e uma atriz "quase candanga" — está a postos para contar um dos mais recentes e inexplicados conflitos do Brasil: a Guerrilha no Araguaia.

Vivendo a guerrilheira Dora, inspirada nas líderes Helenira e Dinalva, a carioca Françoise Fourton, 47 anos, serve como estímulo para os artistas locais. Ela foi formada pela atriz Dulcina de Moraes. Em *Conspiração do Silêncio*, finalmente retoma parceria com Ronaldo Duque, um amigo de longa data. Na segunda temporada da atriz em Brasília, no início dos anos 80, ele fazia a direção do programa de variedades *Estúdio M*, apresentado por Françoise. Sempre "presa" à televisão, recusou muitas ofertas para cinema, mas agora aproveita o momento se dedicando ao trabalho e também ao estudo da área — cursa o terceiro período de Cinema da Universidade Estácio de Sá.

"É uma experiência bem diferente, porque tenho que rastejar e ter bastante familiaridade com armamento. O personagem tem muita consciência política. Usei uma amostragem bem significativa, com a Helenira e Dinalva.

Ganhamos histórias e detalhes que recheiam a trama com bastante emoção", comenta.

Do lado da experiente atriz, estão os jovens brasilienses Rosanne Holland, Rômulo Augusto, William Ferreira e Pablo Peixoto. Os quatro ocupam o set de filmagem e experimentam, alguns pela primeira vez, o contato com a linguagem cinematográfica. Mais acostumada ao teatro, onde atua desde os 12 anos, Rosanne, 21, chegou de forma inesperada ao longa-metragem. "Depois de passar por testes de interpretação e físicos coordenados por Guilherme Reis, puseram a gente para correr horrores. Fiquei descrente, esperando que fossem selecionados cariocas ou paulistas", revela.

PERSONAGEM VIVO

Em *Conspiração do Silêncio*, Rosanne interpreta guerrilheira Criméia Alice de Almeida, que sobreviveu ao episódio. "Não sei exatamente porque não quiseram que eu a conhecesse. A personagem é uma guerrilheira que engravida e, numa decisão incomum do comando, tem a chance de ganhar o filho", adianta a atriz que participou do curta *Dez Dias Felizes ou Dez Anos Depois*, de José Eduardo Belmonte. No próximo mês, ela estará no espetáculo *Várias Maneiras de Enlouquecer um Homem 2*.

Assim como Rosanne, Rômulo Augusto, 29, tem no palco seu maior exercício de interpretação. Ator, produtor e técnico teatral, ele pretende "cavar" novas oportunidades depois do trabalho: "Todo mundo tá na pior, artista não tem nada que ficar chorando muito, mas trabalhar com afinco", opina Rômulo, que recentemente atuou nos espetáculos *Colóquio Dentro de um Ser*, *Cosme Trepado e Propriedade Condenada*.

No filme, ele interpreta o "chato da parada" — um guerrilheiro que entra em atrito com o comando revolucionário, pela postura insistente de cobrar

Carlos Silva / lampress



NO FILME, ROSANNE HOLLAND CONTRACENA COM DANTON MELLO

ORÇAMENTO

R\$ 3,4 MILHÕES

é quanto vai custar o filme *Conspiração do Silêncio*, de Ronaldo Duque

coerência no cumprimento das regras claras impostas ao grupo. Flávio, personagem de Rômulo, é baseado no estudante universitário Ciro Flávio Salazar Oliveira. "Ele entra na trama já debilitado pela malária", adianta Rômulo.

Sem a mesma tranquilidade de Rômulo, o colega William Ferreira, 34, está "quase desesperado". O motivo é a ansiedade de ator acostumado com o palco. "O cinema é uma coisa dinossáurica. Assusta ver

aquela quantidade de equipamentos, o tempo que a equipe técnica precisa e — pior — saber que o resultado só vai ser visto daqui a um ano. Mas está sendo um aprendizado muito bom", resume William que nasceu em Newport (País de Gales), mas desde os 2 anos mora em Brasília. Formado pela UnB, já integrou espetáculos dos grupos BaSiraH, Em Dança e Trupe 108. Para o teatro, além de co-dirigir *Cartas de um Sedutor* e *As Recriadas*; esteve no elenco de *Dias Felizes*, *Album Wilde* e *Arlequim*.

ORIENTAÇÃO DO PAI

A tentativa de fazer um personagem, depois de duas figurações nas telas, chegou a mexer com a convicção de que sua a praia seja o teatro. Depois de quatro meses de ensaios, abandonou a produção de *Rosanne — Uma Saga Sertaneja*. Vivendo o médico humanista Juca em *Conspiração do Silêncio*, personagem baseado no gaúcho João Carlos Haas Sobrinho, William contou com consultoria caseira: o pai José Carlos, que é médico, encarregou-se da orientação.

Outra cria do teatro amador, Pablo Peixoto, 26, vive o deputado José Genoíno, que tomou parte na guerrilha. Mas, desde já ele avisa: "Não me interessei numa interpretação que reproduzisse os trejeitos e modos dele. Minha pesquisa foi principalmente por meio de textos", conta o ator que integrou as companhias Celeiro das Antas e O Hierofante

Depois de peças didáticas como *O Auto da Camisinha*, *Tudo Trimm*, *Brasília de Pedra e Flor* e de várias propostas pedagógicas encenadas em Unai (MG), Pablo está entusiasmado com o aprendizado no set. "Sou bastante curioso. Venho acompanhando a filmagem de cenas em que não participei, para dominar questões técnicas", diz. De todas as lições, uma é marcante: "Cinema é a arte da espera."

Pesquisa atravessou décadas

Julho de 1977 foi a data em que o jornalista, produtor e diretor carioca Ronaldo Duque começou a se interessar pela Guerrilha do Araguaia. Passados 25 anos, ele já perdeu as contas de quantos depoimentos registrou na pesquisa que serviu de base para *Conspiração do Silêncio*. Ouviu guerrilheiros, parentes, militares, advogados e historiadores. Ele esbarrou apenas na burocracia do Exército, que não permitiu acesso a seus arquivos.

Mesmo com o roteiro pronto, co-escrito ao lado de Guilherme Reis, Duque ainda acompanha de perto qualquer novo dado para incrementar o filme que começou a ser definido há cinco anos.

Essa será sua primeira incursão com dramaturgia de ficção. O cineasta, proprietário da produtora local Ronaldo Duque e Associados, tradicionalmente se manteve na linha documental.

Conspiração do Silêncio é um filme que tem vários protagonistas. Padre Chico, interpretado por Stéphane Brodt, será um dos fios que conduzem o conteúdo histórico. Uma das cenas mais marcantes deverá ser a invasão de força militar à vila de camponeses.

Duque acredita que vai condensar a trama em 90 minutos e há previsão para que a "primeira cópia" fique pronta em dezembro. Norton Nascimento, Danton Mello, Roberto Bontempo e Thierry Tremouroux integram o elenco. O lançamento deverá acontecer em março de 2003. (R.D.)

MEMÓRIA

Massacre desigual no Araguaia

O combate foi desleal: 69 militante contrários aos "anos de chumbo", que marcaram a ditadura militar no Brasil, foram massacrados na última das três operações organizadas pelo Exército — entre os anos de 1974 e 1975. Estima-se que três mil militares tenham tomado parte da captura e execução dos jovens rebeldes.

Poucas testemunhas ainda vivem para relatar o episódio — ocorridos ao logo dos sete mil metros quadrados entre as regiões de Marabá (PA) e Xambioá (TO) —, ainda mantido sob sigilo de arquivos inacessíveis.

Militantes do PC do B, Maurício Graboís, José Genoíno e Elza Monnerat foram alguns dos guerrilheiros que participaram da experiência, que entrou para a História do Brasil, apesar de ser pouco explorada e explicada em sala de aula.

Oficial da reserva, Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão, foi líder de um destacamento do grupo e se projetou pelo extremo conhecimento sobre a região do Araguaia. Os guerrilheiros pretendiam semear, desde a chegada às margens do Araguaia, em 1967, a revolução que libertaria o Brasil, ocupando o interior do país. Ações determinantes do conflito se estenderam de 1972 a 1975. (R.D.)